

# Racismo

## Sandra Trombetta

Na pré-história da Bossa Nova, até em seu nascimento, há uma pessoa pouco conhecida, apesar de seu indiscutível talento e importância para o movimento – seu nome é Alaíde Costa. Com voz doce e interpretação sofisticada, Alaíde rompeu parâmetros até então experimentados e, junto com nomes como João Gilberto e Vinícius de Moraes, contribuiu para o desenvolvimento desse novo jeito de compor e cantar a música brasileira. Nas palavras de Ruy Castro, Alaíde foi um mito entre os músicos e respeitada por todos os cantores. Mesmo assim, permaneceu em semi-ostracismo por longos anos, foi solenemente ignorada em turnês internacionais ou datas comemorativas da Bossa Nova, promovidas por grandes canais de TV e jornais de nosso país. Mas a razão para trazê-la até este editorial, além de ser uma talentosa mulher negra brasileira, está em suas declarações, nas quais revela que a causa da sua exclusão na história da música brasileira foi o racismo: “O que sofremos (ela e Johnny Alf, também negro) foi um preconceito racial velado na música. Negro não tinha que cantar rebuscado. Só podia cantar e rebolar” (Costa, 2022)<sup>1</sup>.

Temos, assim, a oportunidade de observar o peso do racismo na trajetória de uma artista de inquestionável valor, com o arrefecimento do seu brilho e sua supressão dos círculos mais almejados. Para a nossa sorte, por sua exemplar coerência, Alaíde não se apartou de si, e hoje podemos acompanhar o seu renascimento. Resgatada do limbo por ventos mais favoráveis e almas sensíveis, ela tem participado de lives e gravações, em profícuas parcerias com artistas contemporâneos, em composições originais e interpretações estonteantes.

1 <https://www.google.com/amp/s/veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/alaide-costa-sobre-ser-esnobada-pela-bossa-nova-preconceito-velado/amp/>

É esse aspecto mais profundo do racismo, nomeado pelo antropólogo Kabengele Munanga de “racismo à brasileira” (2004), que surge nos meios mais insuspeitos e é coberto pelo véu do disfarce, que nos propusemos a estudar em nossa *Revista*. Foi esse o viés que destacamos para os autores convidados a escrever em nosso periódico, em carta-convite logo à frente publicada, para que pudéssemos deixar, em grafia, caminhos para a expansão do pensamento e a transformação do fenômeno. Como pensarmos o racismo no mundo da psicanálise? Estaríamos sensíveis à identificação de sua presença? Saberíamos aquilatar sua consequência em nossas mentes, nas mentes de nossos pacientes ou na estruturação de nossos institutos?

Caro leitor, *Psicanálise em revista* adotou como abertura para seus volumes uma sessão que homenageia grandes personagens da história da psicanálise. Desta feita, a deferência é prestada ao caríssimo Fernando Santana, professor de todos nós, presente desde os primeiros acordes de nossa SPRPE em funções de valorosa importância para a nossa entidade. Coube a Carolina Henriques, nossa atual presidente, realizar essa honrosa tarefa, deixando em nosso registro os dados e os afetos de uma linda e exemplar trajetória.

Em seguida, inspiradas nas cartas em que Freud e Einstein respondem à pergunta “Por que a guerra?”, pedimos a um psicanalista e a uma socióloga que respondessem à questão “Por que o racismo?”, Ignácio A. Paim Filho, junto com Augusto M. Paim, e Berenice Bento, em construções originais e preciosas, ofertaram-nos seus pensamentos.

Na sessão “Racismo”, você encontrará as contribuições de Carolina Henriques e Leonardo Francischelli, com proposições criativas e relevantes sobre o tema e, ainda, o trabalho em equipe de Evaldo Silva, Vânia Lopes e Rosa Dantas que realiza um importante resgate de vários artigos publicados sobre o racismo.

Na mesma linha temática do preconceito, na sessão “Artigos”, os trabalhos de Sérgio Nick e Lúcia Aragão abordam a masculinidade e apresentam novas ideias sobre essa questão tão atual e importante. Letícia Wieman traz a poética que amplia nosso olhar sobre o mundo ao falar que na repetição há possibilidade de continente rítmico de transformação.

Em “Ensaio e crônicas”, um formato mais livre de escrever a psicanálise, Eveline Nogueira, Lina Rosa e Giovanna Albuquerque, com beleza e criatividade, estendem o pensamento sobre a exclusão e o preconceito em áreas afins.

Por fim, em “Psicanálise e arte”, com a poesia que caracteriza a sua escrita, temos a contribuição de Cristina de Macedo que resenha uma bonita peça de Paulo Betti.

Os agradecimentos são múltiplos, a todos que participaram direta ou indiretamente da construção deste número. De um modo particular, agradeço às generosas contribuições dos autores, sem as quais nossa produção não existiria, à equipe editorial, que me acompanhou com dedicação e competência, nas pessoas de Carol Henriques, que sugeriu o tema para este número, Eveline Nogueira e Camila Arruda. Agradeço ainda à Mireille Bellelis, nossa produtora gráfica, e à sempre prestativa Elian Alves Carneiro.

Desejo que o nosso trabalho alcance seu intento e ajude a revelar os esconderijos onde o racismo tem reinado incólume, permitindo que a luz do pensamento favoreça a dissolução da cruel e equivocada hierarquia que, como assinala Munanga, foi estabelecida entre os humanos com base em suas cores e sua morfologia. Boa leitura!